5. Finalmente, tôda cultura da responsabilidade, tanto nos "patrões" como nos "operários", é função da fé na sua "Comunidade de Destino", tanto temporal como eterno, e que os dois mundos devem não só possuir, mas tornar operante.

Colocada a questão nestes têrmos, compreenderemos talvez um pouco melhor quanta injustiça e quanta inópia vai em sustentar de uma forma categórica e absoluta que os dois mundos se odeiam de um ódio de morte. Equivaleria isto não só a perfilhar a tese marxista da "luta de classes", como "princípio" de um novo humanismo, de uma nova cultura e de uma nova civilização, como também a sancionar êste absurdo, isto é, que a massa proletária mundial, na sua totalidade, foi subtraída à influência da Igreja.

Contra êsse pessimismo, sem nenhum fundamento na realidade dos fatos, é que nós, cristãos, nos devemos prevenir. As generalizações apressadas e, principalmente, o pânico comunista, muito têm contribuído, para não nos deixar ver com a suficiente e precisa clareza, que se uma grande massa proletária pagã luta, hoje, em tôdas as frentes do orbe contra o Cristo e Sua civilização — existe também em todo o orbe, uma grande massa proletária cristã, que luta, com o mesmo ardor, com o mesmo fogo e até com a mesma violência, não, porém, contra ninguém e sim a favor de si mesma.

Urge desarmar a consciência do mundo patronal contra o mundo operário e "vice-versa". Todos nós conhecemos a intranqüilidade e a angústia, que vão pelo coração e a mente de inúmeras pátrias, esmagadas pelas preocupações com a terrível crise econômica e financeira que nos assoberba. Por outro lado também, façamos um ato de fé na nobreza das virtudes que circulam no "mundo operário", apesar do manto de miséria material e moral que o envolve. Com uma boa vontade recíproca, sincera e esclarecida pelos princípios da doutrina social católica — a mais perfeita síntese de equilíbrio e harmonia — os dois mundos atingiriam a uma capilaridade maior, da qual resultaria sem dúvida a transfiguração da vida social.

Jackson de Figueiredo

AMANDO FONTES

Quando Alceu Amoroso Lima generosamente me confiou a tarefa de falar sôbre Jackson, no dia em que os seus amigos, os seus fiéis, anualmente se reúnem para cultuar sua memória, tive uma hesitação. Pesada era a responsabilidade, e deveres impreteríveis não me ofereciam sobra de tempo para reexaminar a obra do grande morto, e tentar pôr em destaque os aspectos que à minha sensibilidade mais de perto tocassem.

Após alguns instantes de reflexão, considerei, entretanto, que poderia aceitar o encargo sem vos decepcionar de todo. Bastar-me-ia escolher outro terreno, para nêle situar esta palestra.

Sôbre Jackson poeta, crítico, homem de pensamento, sôbre o Jackson jornalista, o político, o homem de ação, já disseram quase tudo, e tão bem, os que, ano a ano, se vêm sucedendo nesta tribuna.

Assim, eu me reservaria para dissertar a respeito do Jackson criatura, do Jackson amigo, o ente familiar, aquêle que eu conhecera desde menino, e que certamente tanta influência tivera nos rumos que orientaram a minha vida.

Para vos falar sôbre isso, não teria de reabrir os seus livros ou o que sôbre êle já se escreveu. Bastar-me-iam umas poucas horas de meditação, e iria arrancando do fundo da memória o que nela se tivesse fixado, pelo relêvo, pela significação que o fato houvesse tido para a sua, ou para a minha existên-

(*) Palestra realizada no «Centro D. Vital», na sessão comemorativa, de 4 de novembro de 1949.

cia. Seria uma espécie de recuperação do tempo perdido, à maneira de Proust.

Para isso, aqui me encontro.

Sinto que estou em um ambiente íntimo. Relanceando o olhar pela assistência, quando não distingo uma velha amizade, descubro fisionomias já tantas vêzes antes vistas; e as que em verdade não conheço, sei que a mim se acham estreitamente ligadas através do próprio Jackson.

Vou me permitir, em conseqüência, descer a certas particularidades, reminiscências de acontecimentos familiares, que melhor possibilitarão a todos acompanhar-me nessa viagem ao passado, dando-nos, em compensação, a oportunidade de permanecer durante mais algum tempo, e talvez mais realmente, na companhia daquele que, há 21 anos atrás, foi arrebatado de nosso convívio. E me relevareis, também, que fale um pouco de mim, tôda vez que necessite de pôr em ressalto uma atitude, um gesto, uma qualidade sua.

Começado o último quartel do século transato, duas meninas de seis anos se encontraram num colégio, em Aracaju. Tornaram-se amigas, desde então, e tão amigas, que quando, cinqüenta anos após, uma morria, deixava a outra inconsolável, como se tivesse perdido a sua irmã mais querida. Uma delas, D. Regina, foi a mãe de Jackson; à outra, devo eu o ser.

Coincidência das mais interessantes e que faz presumir a irremediabilidade dos destinos traçados, determinou também o encontro, alguns anos depois, sob o teto da Faculdade de Farmácia da Bahia, de dois rapazes, que se tornaram amigos inseparáveis através da existência. Chamava-se, um, que veio a ser o pai de Jackson, Luis de Figueiredo Martins; o segundo, Turíbio Fontes, foi meu pai.

Essas as razões por que, desde a infância, estive ligado ao grande morto.

Rebusco, demoradamente, as lembranças que me tivessem ficado dessa primeira fase. Recordo os dias que ia passar em casa de Jackson, entre os 6 e os 9 anos de idade.

Confesso, lealmente, que pouco encontro dêle. Mais velho do que eu quase oito anos, não tomava parte nos folguedos

em que me empenhava com seus irmãos mais novos, Rubens e Hudson. Apenas consigo que me refluam à memória pequenas cenas isoladas. Era à rua de São Cristóvão, em Aracaju. Havia um puxado, nos fundos da casa, onde Jackson instalara seu quarto-biblioteca. Permanecia lá horas sem fim. Vejo-o sair, às vêzes, cantarolando ou declamando versos, ir até a vasta sala de jantar, acariciar a cabeça da mãe, beijar-lhe a testa, dizendo-lhe palavras ternas. Logo retornava aos seus livros. Era alegre e jovial. Quando encontrava a nós, menores, fazia indagações sôbre a natureza de nossos brincos. Se acontecia estar perto de mim, passava a mão, ao revés, sôbre o meu cabelo cortado à escovinha, chamando-me "seu cabeçudo", — o que sempre me causava uma certa irritação.

Foi em 1909 que me veio de Jackson a primeira impressão forte e simpática. Havia eu começado a cursar o "Atêneu Sergipense", por onde êle tinha passado alguns anos atrás. Ainda lá se encontravam contemporâneos seus. E entre todos nós corria, com um prestígio lendário, a história de uma célebre luta corporal, a que fôra provocado, e da qual se saíra galhardamente. O local da pugna, no oitão da casa de Sinhafra, era apontado com respeito: — "Foi ali que Jackson Figueiredo, tirou a fama de... Fulano!" O fato era, então rememorado, detalhe a detalhe, pelos que o tinham assistido; e para os nossos espíritos juvenis, a sua figura se projetava, como a de um herói legítimo.

Assim se passou o famoso acontecimento: Jackson se distinguia, no ginásio, pelo quase total isolamento em que vivia. A maioria de seus companheiros pouco se interessava pelas aulas. Preferia empenhar-se em trotes e outras brincadeiras rumorosas. Êle ficava à distância, só, ou raramente conversando com um colega. Essa atitude foi criando para êle um clima frio, senão hostil. Taxavam-no de "orgulhoso". O seu modo de andar, que êle haveria de conservar até a morte — erecto, a cabeça levantada, quase inclinada para trás, — a muitos parecia uma atitude de desprêzo, se não de desafio.

Foi quando um certo estudante, há pouco admitido no Ateneu, mas popularíssimo entre todos, que o classificavam entre

os três jovens mais valentes da cidade, decidiu quebrar o que para êle não passava de um "orgulho tolo".

Iria fazer-lhe umas perguntas ofensivas.

Se não reagisse, "teria de andar de cabeça mais baixa"; se aceitasse a contenda, seria vencido fisicamente, e então "trataria os outros como iguais". Houve quem n'o admoestasse, informando que o outro era decidido e, sobretudo, genioso.

Porém o famanaz deu de ombros. Se tinham mais ou menos a mesma idade (creio que treze anos), se dispunha de músculos mais rijos, se era um consumado lutador, se de seu lado se encontrava a simpatia geral, — nada havia que temer.

Começou convidando Jackson para tomar parte num folguedo. Ante a recusa dêste, definitiva e sêca, perguntou se "tudo aquilo era prosápia, só porque tirava boas notas". Mais contundente foi a resposta:

— Não. E' porque meus amigos, quem escolhe, sou eu!

Isso indicava que o desafio fôra aceito. Trocaram ainda alguns doestos, e em pouco se iniciava a luta corporal.

Uma grande e interessada roda se formara. Sem dúvida, pertenceram ao ofensor os primeiros momentos da contenda. Êle era, em verdade, mais possante e mais destro no manejo dos braços e do corpo.

Mas o outro, o nosso Jackson, dispunha de uma grande vantagem, aquela que sempre quis ter ao seu lado nas duras refregas em que se empenhou: — a fôrça moral! Se tinha razão, se fôra êle o provocado, por que ceder? Rilhou os dentes, reuniu tôdas as energias de sua alma, transmitiu-as aos músculos retesados, e pouco a pouco foi dominando o adversário.

Quando os circunstantes intervieram, para apartar os contendores, era nítida, completa, a derrota do outro.

Ouvi, depois, o fato, tal como o narrei, dos próprios lábios do vencido, hoje, uma nobre e respeitada figura nos meios industriais e sociais de meu Estado. E não esqueço a frase com que concluiu a narrativa:

— Vencendo-me, Jackson me prestou um grande serviço: O de mostrar-me, ainda bem cedo, que a vida não é feita apenas de vitórias".

Não foi êsse, entretanto, o único traço marcante da passagem de Jackson pelo Ateneu Sergipense, e que concorreu para construir no meu juízo uma idéia de sua personalidade, a que o transcorrer do tempo forneceu elementos apenas para acentuar, para precisar melhor os contornos.

Sua inteligência extremamente precoce, sua altivez indomável, levando-o a dissentir e a contestar professôres, determinaram certa animosidade contra êle, em virtude da qual foi forçado a concluir o curso de humanidades no ginásio Alagoano, de Maceió.

Aí, o seu talento, a sua atividade literária, pois já publicara "Bater de Asas" e inseria versos constantemente nos jornais da terra, grangearam-lhe um ambiente receptivo, onde a estima e a admiração se entremeavam.

Na capital de Alagoas, conheceu e se tornou amigo de Paulino Santiago, um poeta. E foi a propósito dêste que pela primeira vez teve o gesto magnânimo, comovente, que seria uma constante em sua existência: o de falar, de dizer bem, de proclamar alto as qualidades das obras dos amigos. Sôbre êle escreveu um estudo de crítica, "A Profissão de Fé de um Poeta", vindo a lume em 1910, no "Estado de Sergipe".

Entre êsse ano e o de 1913, só via Jackson durante as férias, quando regressava de Salvador, onde cursava a Faculdade de Direito. Nossos encontros com êle, então, meus e de seus irmãos menores, tinham outros objetivos. Íamos pedir que nos relatasse suas proezas de estudante, o que fazia com grande pitoresco, romanceando, às vêzes, para melhor nos deleitar. Exigíamos, sempre, pormenores de suas vitórias nos estudos, as prontas respostas aos mestres nos exames, a consideração dêstes por sua inteligência e seu saber. Enchíamo-nos de orgulho, ao tomar conhecimento de cada dificuldade transposta, e saíamos a repetir o ocorrido, não raro com algum exagêro, a colegas e companheiros.

Essas palestras eram mantidas, no mesmo quarto-biblioteca da rua de São Cristóvão, ou no sitio do Carro Quebrado, que o Dr. Figueiredo adquirira, para possibilitar um mais completo isolamento, maiores facilidades de estudo ao filho, que

sabia portador de uma mensagem. Era êle professor de grego, de geografia e de história, um intelectual, portanto, e daí o aprêço, o desvêlo, os sacrifícios que fazia para que Jackson pudesse realizar plenamente o seu destino de homem de letras.

Não quero, porém, nesse esboço de retrato, que me vai emergindo da memória, registrar apenas os ângulos que revelam o Jackson poeta e homem de idéias. Outras evocações me vêm à mente e revejo o moço estouvado, que gostava de montar cavalos árdegos, revejo, sobretudo, o jovem turbulento, que não levava desaforos para casa. Andava, a êsse tempo, sempre em companhia de um primo meu, e do qual foi amigo até a morte, Aderbal Fontes Cardoso, temperamento também ardente e belicoso. Lembro-me das aflições das duas famílias, ante as brigas que no centro da cidade, a sôco e a bengaladas (houve até detonar de revólveres, certa feita) tiveram de sustentar os de seu lado com o grupo de rapazes que teimava em hostilizá-lo...

De suas últimas férias em Sergipe, encontrava-me, creio, entre os treze e os catorze anos. Já lia muito, e às vêzes, assuntos sérios. A literatura se tornara minha preocupação absorvente. E passara a enxergar em Jackson o exemplo, o modêlo que deveria imitar. Havia já tomado conhecimento de seus livros, dos versos e dos artigos que publicava no "Correio de Aracaju" e no "Diário da Manhã".

Então, uma grande timidez, fruto de admiração e de respeito intelectual, passou a inibir-me em sua presença. Como se tratasse de um desconhecido, ou de alguém que fôsse muito mais velho do que eu.

Nunca teria ânimo de revelar-lhe as minhas preocupações, de lhe mostrar uma só das minhas tentativas literárias.

Assim, quando, tôdas as tardes, via-o chegar à minha porta, onde já encontrava Juca Magalhães, e ficava à espera de Alfredo Cabral, de Florentino Meneses, para juntos subirem a colina de Santo Antônio, na visita habitual a Garcia Rosa, — postava-me a uma janela, e me quedava silencioso, a ouví-lo.

Narrava episódios de sua vida na Bahia, falava sem cessar nos amigos de lá, Xavier Marques, Edgard Sanches, Carlos

Chiacchio, Pedro Kilkerry, Melo Leite, autor daquela "Rosa Morena, do Serinhaem", que o ouvi tantas vêzes recitar.

Veio para o Rio logo depois.

Passei, então, a ter notícias dêle por meio das cartas à família, pelas publicações insertas na imprensa local, pelo eco que até nós vinha de suas atividades, de suas lutas, de suas vitórias na Metrópole.

Por essa época, dois pequenos livros seus me vieram ter às mãos de uma só vez: — um, sôbre Farias Brito, seu novo grande amigo, uma das mais fervorosas admirações de sua vida; outro, sôbre Garcia Rosa, o poeta admirável, que se deixara ficar na província. Verdadeiramente nessa hora tive a revelação de que o aspecto dominante de sua personalidade era aquêle poder de amar, de dar de si, nem nunca ter ciúme ou inveja dos que realmente valiam, pronto sempre a proclamar-lhes as qualidades e as virtudes. Antes, já tivera idêntica atitude, de referência a Paulino Santiago, Melo Leite, Xavier Marques; para a frente, escreveria sôbre José Magalhães, "o seu querido Juca", como se encontra registrado no subtítulo do pequeno livro, aquêle penetrante e comovedor "Incenso e Oiro"; não deixaria permanecer no esquecimento Auta de Sousa; nos "Humilhados e Luminosos", em tantos livros outros, continuaria a sua ação generosa e benfazeja de distribuir um pouco de justiça àqueles para quem a indiferença ou a severidade da crítica não tinha uma palavra de confôrto.

Mais ou menos em meiados de 1915, de passagem para Belo Horizonte, onde ia estudar, permaneci alguns dias no Rio, deixando-os transcorrer, quase inteiros, ao lado de Jackson e Juca Magalhães. Impressionou-me a sua vida febricitante, com má saúde, a ganhar a subsistência escrevendo para os jornais, ou preparando livros, trabalhos em geral tão mal remunerados em nosso meio.

Deu-me, desde as primeiras horas, um tratamento diferente. Não parecia estar falando apenas a um amigo de família, que desde menino conhecia. Era como se eu tivesse a sua idade, e fôsse um velho companheiro.

Contou-me as suas lutas, as dificuldades de tôda sorte que ia vencendo. Não escondia os tropeços, nem os fracassos. Sem uma queixa, entretanto, sem um momento de desânimo. Enfrentava a dureza da situação com o destemor, a brava energia que tanto entusiasmo despertava em todos nós.

Recordo-me ainda, vivamente, dos menores fatos ocorridos naqueles três dias, que foram, para mim, do mais puro encantamento.

Ao lado dêle, vi muitas vêzes Max Vasconcelos, poeta, e o mais categorizado de todos os boêmios a que êle, na sua pobreza, prestava contínua assistência.

Certa hora, no Café S. Paulo, senti-me fortemente emocionado, ouvindo o seu aviso: — Aí vem o Lima Barreto.

O grande romancista aproximou-se. Jackson cumprimentou-o com extrema simpatia. Apresentou-me. E o outro logo se pôs a falar da eleição do General Dantas Barreto para a Academia Brasileira. E ainda estou a sentir-lhe o ar sarcástico, quando disse:

— Êsse não levou um livro sob o braço; penetrou, em triunfo, com uma espada atravessada nos dentes!

A convivência fraternal daquelas horas, sua franqueza, aquêle seu poder de comunicação quase mágico, que muitas vêzes levou estranhos a lhe fazerem confidências, desfez por completo a minha antiga inibição. E falei-lhe de mim, de minhas leituras, dos meus projetos. Seu interêsse foi crescendo. Fêz-me indagações. Abordamos Machado de Assis, cuja obra eu conhecia quase tôda. Sustentei, com indicações, a superioridade dêste sôbre Eça e Anatole.

Concordou, risonho, complacente, e logo se levantou, tomou-me pelo braço, fez questão de me levar à presença de Mário de Alencar, para que êste visse o "novo machadiano", e se alegrasse.

Tornei a Sergipe, poucos meses depois. E de lá, através da distância fui acompanhando os momentos mais decisivos de sua vida. Confesso que a sua conversão me surpreendeu, e não a tomei, a princípio, como definitiva. Achava-o tão cheio de ação, tão ligado à vida, tão violento, em determinadas circunstâncias, tão arraigado em suas convicções materialistas, que não podia admiti-lo disciplinado e humilde, a obedecer. Êrro de visão, deficiência de julgamento de minha parte. Só muito depois compreendi.

Aliás, a sua estranha, complexa personalidade apenas de alguns poucos foi entendida em tôda sua plenitude.

Êle próprio dissera, em versos da mocidade, das tendências divergentes, senão contraditórias, que lhe compunham o ser, quando exclamou:

"A mim chama também a voz de longe,
E ando chorando o ter nascido errado
Pois eu devera ser soldado, ou monge,
Ou ser um trovador iluminado."

Com a sua extraordinária capacidade de aproximar-se, de tudo oferecer e tudo dar por qualquer causa que reputasse nobre, acompanhou Olavo Bilac na campanha em prol do serviço militar e bem me recordo da fotografia que dêle recebemos, envergando a farda da "Linha de Tiro da Imprensa".

Em 1918, nova fase se abriu em sua vida, unindo mais estreitamente em tôrno dêle os seus jovens amigos de Aracaju.

Pela terceira vez consecutiva, um general do Exército fôra indicado para governar o nosso Estado.

Até o suave João Ribeiro veio a campo, e lançou aquêle terrível artigo, que fêz época, chamando-nos de "Prùssiazinha ridícula". A Jackson, então, o fato indignou e revoltou. Abriu campanha na imprensa desta cidade, fez editar um opúsculo de cerrado combate, sob o título "Em defesa de Sergipe", e nos remeteu, para que o distribuíssemos, como disse em carta, "entre os homens de bem e independentes de nosso Estado". Cumprimos à risca suas ordens, e formamos um pequeno, bravo e bulhento grupo em tôrno de seu nome. Mas éramos uns poucos D'Artagnans, entre os 18 e 22 anos, e êle um Quixote, que acreditava na fôrça das palavras e das intenções puras para levar à terra uma velha engrenagem enferrujada, mas ainda bastante sólida.

Grandes mágoas lhe ficaram dêsse primeiro contacto com a política partidária. E outras, mais tarde, fá-lo-iam sofrer mais duramente.

1919, quando passei alguns meses estudando, aqui no Rio, propiciou-me o ensejo de privar com um Jackson algum tanto diverso do que eu admirava e estimava até então. Conservava certas qualidades inatas, que com êle iriam até o fim: Pugnacidade, altivez, bondade, dedicação. Também mantivera o hábito de permanecer até altas horas da madrugada, nos cafés ou em longas e exaustivas caminhadas, a conversar com os amigos.

Mas, a constituição de seu lar, ocorrida poucos anos antes, sua ligação com a Igreja, naturalmente também sua maior maturidade, o tinham tornado um ser austero, meio sisudo, que não mais queira escutar, interessado e indulgente, a confissão de nossos pecados de adolescentes.

Embora nada exigisse, nada impusesse, o seu desejo evidente, era nos ver, a todos, no caminho certo. Estava convencido de que, afrontando ódios, incompreensões, vilanias, não se deveria afastar uma linha da missão que se impusera, de lutar pela moralização, pela cristianização de nossos costumes sociais e políticos.

A êsse tempo, encontrava-se empenhado em áspera campanha contra a influência da colônia portuguêsa na economia da Metrópole e, sobretudo, em sua imprensa.

Escreveu nos jornais, editou panfletos, foi orador de comícios. Sempre com o destemor e a paixão pela verdade e pelo bem, que punha em tudo.

Seu centro de operações, a essa época, eram o Café Gaúcho, pelo dia, e, à noite, o S. Paulo.

Em suas bancas, muita vez, redigia os artigos que, no outro dia, emocionariam a cidade.

Além dos amigos de Sergipe, Cícero Sampaio, Alberto Deodato, Abelardo Cardoso, Lourival Fontes, eu próprio, formavam constantemente na sua roda, ao que me lembro, Perilo Gomes, Tasso da Silveira, Antônio Tôrres, Nestor Vitor, Andrade Murici, Álvaro Bomilcar... E ainda havia a legião interminável

daqueles cujo nome não pude reter, mas que invariàvelmente o buscavam para uns minutos de palestra. Alguns, e não poucos, eram apenas protegidos, perseguidos pela sorte ou simplesmente vagabundos, que êle estimava, e com os quais distribuía parcelas de suas escassas rendas.

Retornei a Sergipe, antes que findasse o ano. Porém, dali por diante, nunca mais perderia o contacto direto com o amigo, através de correspondência. Tornou-se esta assídua, sobretudo, quando fui residir em Salvador, e êle me deu a incumbência de colocar nas livrarias locais os números de "A Ordem", e os livros que a editôra de sua responsabilidade ia lançando.

Porque, desejando se manter imune de laços de gratidão, de obrigações de reverência em relação aos poderosos para ter a liberdade de criticar-lhes os erros, — preferiu buscar no comércio (e não poderia ser senão o comércio de livros), os recursos necessários à manutenção da família, que crescia. Sabia de antemão, êle que tão profundamente conhecia e tanto amava a obra e a vida de Balzac, que também fôra editor, os percalços, as desilusões que teria de enfrentar. Para o seu temperamento, entretanto, isso era um motivo a mais para se arrojar ao empreendimento.

Pois êle não dissera claramente, naquela poesia, há pouco mencionada, que preferia ter nascido

"nos velhos tempos de aventuras,
de castelos, de naus, e de armaduras.
E de braço com a glória
De vitória em vitória,
Partir, buscar o Além, ver novas gentes...
Num bando audaz de nautas e valentes,

Bater mouros, ver terras nunca vistas,
Ver-me envolvido em meias luas de aço
Pertencer às cruzadas e às conquistas...
e ter as faces calmas e serenas.
Ou, num sagrado, quão feroz raivaço,
correr de encontro às hostes agarenas".

Reparai bem que, mudadas a época e o cenário, realizou grande parte do anelo formulado...

Porém nós, seus amigos, nos inquietávamos e sofríamos, com os rumos incertos, a situação material perenemente precária de sua existência. Êle, que por sua fama e prestígio podia conseguir empregos e benefícios em bem dos que lhe pediam proteção, para si, nada pleiteava, para melhor dizer, nada queria.

Ah! quão injustos foram os que, no fragor do combate, atribuíram móveis mesquinhos, interêsses de remuneração ou de poder, ao ardor, à violência, à paixão com que se empregava na defesa da ordem contra a onda revolucionária, que rugia e ameaçava avassalar o País! Êle apenas defendia uma causa, a que julgava melhor, a que imaginava mais convir à Nação. Nela se empenhava com o espírito de luta, e a bravura que o tornavam amado de tantos e detestado de vários. Mas igual atitude êle tomara na campanha em prol do serviço militar, na refrega nacionalista, na sua batalha de tôdas as horas pelo primado da Igreja, na defesa dêste ou daquele amigo que houvesse sido atacado. Por interêsses materiais, de pecúnia, sempre teve o mais desdenhoso desprêzo. Só os frutos morais ao seu exigente paladar apeteciam...

E não posso me eximir de relembrar o testemunho vivo de tudo quanto acabo de dizer.

Certa vez, quando atingira o auge a campanha contra as instituições vigentes, pois a revolução armada deflagrara em alguns pontos do país, êle aceitara, em bem da causa que esposara, o posto, espinhoso e impopular, de chefe da censura à imprensa.

Regosijaram-se os adversários, apontando essa circunstância — a aceitação de um cargo — como restritiva, destruidora, mesmo, da fôrça moral que dava prestígio e acatamento às palavras do que escrevera "Reação do Bom Senso".

Não durou muito, porém, o que imaginavam ser uma clava mortal contra o inimigo.

Poucos meses depois, três ou quatro — a política nacional como era de hábito àquele tempo, quís galardoar os serviços do Sr. Lopes Gonçalves, cujo mandato pelo Amazonas se ia extinguir, sem possibilidade de renová-lo por lá — conferindo-lhe uma senatoria pelo Estado de Sergipe.

Sabedor do fato, Jackson se empenhou vivamente para que não chegasse a termo. Não pretendia o posto para nenhum amigo, sequer um conhecido. Apenas entendia que o acontecimento seria desprimoroso, ofensivo dos brios da pequena terra, que entranhadamente amava.

Desatenderam-no. Não tardou, também, em dar a resposta. Redigiu uma carta respeitosa, mas plena de altivez, e em muitos pontos severa, endereçada ao Chefe do Govêrno, na qual profligava o fato, e em sinal de protesto afastava-se do cargo que lhe tinham posto nas mãos.

Sei das gestões, dos esforços de muitos amigos seus, que pretenderam evitar-lhe o gesto, preocupados com as dificuldades de natureza financeira em que estava vivendo, e sobretudo com o seu futuro, certos de que sua atitude lhe fecharia as portas a qualquer pretensão, dali por diante. A todos respondia, sorrindo, que "nascera realmente para enfrentar perigos, para lutar até a última gota de vida". Enviou a carta e demitiu-se.

Êsse seu contacto com a política, com os homens do poder, de onde lhe advieram tantos aborrecimentos e desenganos, propiciou-lhe, entretanto, momentos que terão ficado entre os melhores, os mais ditosos de seu viver atribulado. E eu tive a satisfação de assistí-los, para hoje rememorá-los ante vós.

Aconteceu aí pelos fins de 25. Estimado e admirado por dois Ministros do Govêrno de então, os Srs. Francisco Sá e o seu muito querido Afonso Pena Júnior, conferiram-lhe êstes a missão de ir a Sergipe entender-se com o Governador e seu partido a propósito da sucessão presidencial do Estado.

Viajou num pequeno navio da Companhia Costeira, que, antes de aportar em Aracaju, fazia escalas por Vitória, Caravelas e Salvador. Nessa cidade passou, ao meu lado, quase tôdas as 36 horas de permanência no pôrto.

Não tentou esconder, (ao contrário, deu largas ao sentimento), a intensa emoção que lhe causava o rever aquêle céu, aquêle mar, aquelas montanhas, onde o verde escuro das mangueiras e das jaqueiras se alterna com o esbranquiçado do ca-

sario. Parecia ter retornado à mocidade, quando pisou as pedras irregulares das ruas da velha cidade, e viu em cada canto uma recordação.

Levei-o à minha morada. Ao descer do automóvel, parou, estático a contemplar:

— Mas isto é a rua do Sodré, exclamou.

E apontando uma casa:

— Foi ali que morou e morreu Pedro Kilkerry.

Regressamos a pé para o Largo de S. Pedro, atravessando a rua do Cabeça. Maravilhou-se de novo. Lá ainda estava, transformado num armazém, o antigo "Leão de Oiro", onde, ao lado dos mais caros amigos da juventude, poetas ou boêmios, fizera "as piores ceias do mundo", como pitorescamente afirmava.

Quís ir à rua de Baixo, para contemplar o 27, a sua antiga e famosa pensão. Lá abrigara, certa vez, o desventurado Melo Leite.

E falou dêste, de Kilkerry, de Chiachio, de Edgard Sanches, horas e horas. Narrou episódios em que os mesmos haviam tomado parte, recitou versos, reproduziu frases de uns e outros. E logo me emprazou para que, no regresso, convocasse todos os que ainda fôssem vivos para um encontro.

— E o Sanches? perguntei, sabendo que não mantinham relações, desde o último ano da Faculdade.

Então ouvi de sua bôca, mais ou menos estas frases:

— Êle também. Há treze anos não nos falamos. Hoje, em matéria de pensamento, léguas nos separam. Mas fomos muito amigos. A nenhum, mais do que a êle, me liguei. E você conhece o meu lema: — Aquêle que aqui entrou, sempre terá reservado o seu lugar. Previna o Edgard, também.

Desejou rever, em seguida, vários trechos da velha Capital, onde capítulos marcantes de sua mocidade transcorreram: O local do Teatro Politeama, a Faculdade de Direito, o Terreiro, o Farol da Barra, junto ao qual tantas vêzes marchara ao lado de moças, vestidas de branco, que lhe inspiravam versos e faziam-no sofrer.

Regressou dez dias depois. A incumbência política fracassara redondamente, como seria fácil de prever. Não o lastimou, porém. Das canseiras da viagem, dos contactos políticos sumamente desagradáveis à sua sensibilidade, considerava-se bem pago por ter revisto Aracaju, a Família, os amigos, Garcia Rosa, que êle continuava a considerar "o homem mais singularmente iluminado dêste País".

À noite, no Bar Guaraní, ao relento, em plena Praça Castro Alves, novas e gratas emoções o envolveram, ao abraçar antigos companheiros de lides intelectuais e de boêmios, Carlos Chiachio, Roberto Correia, Artur de Sales, Presciliano Silva e alguns outros de mim desconhecidos, mas a êle eternamente vinculados porque um dia o tinham encontrado...

Quís a Providência que eu me encontrasse aqui no Rio, na semana que imediatamente antecedeu sua morte. A êsse tempo, vivia eu no Sul, interessado em atividades de indústria e comércio.

Conversamos longamente, na Livraria Católica, no Gaúcho, em longos passeios a pé pela cidade. Ficara satisfeito com minhas possibilidades de progresso material, embora lamentasse que o "escritor", por êle um dia pressentido, estivesse perdido para sempre.

De minha parte, achei-o o mesmo Jackson que vira em 19, em 25, em 27: Levando aquela existência agitada e dispersiva, que não lhe permitia construir uma obra de pensamento à altura de seu valor; debatendo-se com ásperas e mesquinhas dificuldades financeiras; procurando manter um grau de saúde que lhe possibilitasse, ao menos, o trabalho. Mas senti que em seu coração reinava a paz, uma serenidade imensa, mais do que isso, uma alegria pura. A alegria dos que atingiram Deus, igual àquela que desceu sôbre a alma de Beethoven, e o levou, surdo, pobre e sofredor, a tomar como fêcho de sua obra máxima a ode em que Schiller celebrou a alegria de viver...

Nada mais tenho a contar. O resto, já o sabeis. Seu destino se cumpriu: Êle morreu lutando, como sinceramente o havia desejado.